O BEIJA-FLOR.

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

ASSIGNATURA POR TRIMESTRE 1$000 RÉIS.

COLLABORADORES — DIVERSOS.

PUBLICA-SE QUINZENALMENTE AOS DOMINGOS.

PAGAMENTO ADIANTADO. 2.° TRIMESTRE.

Anno de 1868. Domingo, 26 de Abril. N. 12.

O BEIJA-FLOR.

Desterro, 26 de Abril de 1868.

Com muito bom fundamento poderiamos ser chamados de nescios e infatuados, si porventura nos-jactassemos de termos já adiantado alguma coisa em materia de litteratura; mas nunca tal nos-passou pela idéa, nem passará talvez, porque mui bem sabemos avaliar o que somos e quanto valem os nossos pobres escriptos. O de que sim temos certeza é de que em nada atrazámos ao que já achámos feito em litteratura; porque, si uma gotta d'agua deitada ao mar lhe não augmenta o volume, tambem lh'o não diminue.

Escrevemos, sim, e continuaremos a escrever, com o favor de Deus, não por ambicionarmos louvores e gabos de quem possa ser juiz em litteratura, mas só por irmos aperfeiçoando a nossa intelligencia por meio do estudo. Entretanto outros, q' só depois de nós incetaram o tirocinio das lettras, e que menos talvez tem feito, já parecem phantasiar o reconhecimento da posteridade! Certamente o alcançariam esses, si, com os conhecimentos que já teem, soltassem mais affouto e remontado voo, desprendendo-se do humilde jugo da traducção.

Nós, na verdade, nada temos feito ainda que nos-permitta o aspirarmos ao bom accolhimento no presente, e á gratidão no futuro. Entretanto podemos affirmar que o que temos escripto não é de todo indigno de ler-se, ainda que de tal leitura não provenha instrucção, pois só para alheio desinfado e passatempo publicamos os fructos de nossos trabalhos; e por bem pagos nos-daremos si chegarmos a conhecer que conseguimos o nosso intento.

Em tudo quanto ahi temos deixado impresso só talvez algum louvor mereça o exforço que temos feito para que possamos ser intendidos por todos aquelles que nos-honram com a sua attenção. Vai esse exforço no mais ou menos cadenciado da phrase e apurado da linguagem; e, si por outros maiores dotes não alcançarmos bom accolhimento, leve-nos isto o leitor em linha de conta.

Para este effeito temos lido e estudado quanto livro bom se-tem escripto e publicado em Portuguez, pois antes queremos fallar e escrever em estylo que tenha resaibos de antigo, do que por simples inconsideração nos-lançarmos á torrente de gallicismos que assaltou e invadiu a nossa lingua. E certo cahiriamos 'nisto, si sómente nos-applicassemos a traduzir, ainda que só fossem as melhores e mais afamadas obras: de traducções de artiguinhos e noticias de *gazettas* nenhum proveito se-pode tirar, e antes servem para incher o espaço que para melhores coisas se-devêra deixar do que para litterario adiantamento.

Este o motivo por que nos não applicamos a traduzir continuadamente; e ainda mais, porque nos não queremos imbuir tanto em extranhos idiomas, que venhamos a perder o pouco que sabemos do nosso. Comtudo não duvidamos que frequentemente a nossa linguagem peeque contra a pureza, porque difficillimo é hoje o eximir-se qualquer de deixar-se levar a espaços pela torrente de barbarismos, mórmente quando falta um bom mestre que os-aponte e faça corrigir.

Aos que não teem sufficiente leitura de livros Portuguezes, não raro parecerá a nossa linguagem (principalmente em verso) demasiado figurada, chegando talvez a assimilhar-se á de bardos escossezes, cujos versos jamais lemos; muitos vocabulos lhes-parecerão tomados em significação translata; mas a esses só responderemos que apprendam mais um bocadinho de Portuguez e leiam com mais attenção o que se-escreve. Si estivessemos no caso de adoptar estylos extranhos, de certo seria o de Byron o preferido por nós, porque na maneira de o-imitar já tinhamos bons exemplares em Portuguez.

Como dissémos, lidamos sempre para que a nossa linguagem seja bôa, e para o alcançarmos

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

vamos quasi sempre tomando por norma a de Philinto, a de Garrett e a de Castilho, por serem estes os que modernamente mais se-tem avantajado quanto á pureza e bom manejo da lingua.

Recapitulando emfim o nosso artigo, podemos affirmar que, si nada temos adiantado, nada tambem temos atrazado, e que trabalhamos sempre para de algum modo sustentar a lingua Portugueza, ao passo que outros (involuntariamente, sem duvida) a-vão impobrecendo e amesquinhando mais.

Folhas avulsas.

Era ao escurecer de um bello dia de primavera.

Deus do seu throno sorria ás criancinhas, e as fulgurantes azas dos mimosos cherubins roçavão pelo pallido leito das virgens adormecidas.

A lua brilhava no céo, e algumas gottas de crystallino orvalho penduravão-se gelidas e tremulas na folhagem do copado laranjal. Um desses silencios melancholicos e tristonhos que desvairão a alma, e chocão o coração, reinava ao longe na espessura das florestas.

As nuvens beijavão-se no espaço, e a natureza deitava-se indolente no seo leito de verdura, ao som dos hymnos sonorosos das grandes cachoeiras.

No bronze do campanario havia soado a hora mysteriosa das Ave-Maria, e um desses recolhimentos sublimes inspirados pela lembrança da Infinita Magestade, que substituia o brilhantismo do dia pela escuridade da noite, lembrando ao homem que sua existencia havia tambem ser mergulhada em trevas, enchia os corações contrictos de uma santa melancolia, de uma saudade deliciosa que se elevava ao céo, como a nuvem do incenso ao throno de Deos.

A solidão é o echo do coração do homem sabio, e é tambem o echo suavissimo do coração da virgem sonhadora! N'ella a mente desabrocha em hymnos, e tudo que nos cerca fica impregnado de um perfume celestial que se communica até nos mais reconditos arcanos.

Lugubre silencio invadia a terra, e eu scismava—em que não sei! Talvez nas gottas de orvalho, na luz das estrellas, na pompa do firmamento... Seguia as nuvens no espaço; desenhavão ellas mil paysagens no horisonte, e eu sentia-me feliz na minha soledade, porque essas nuvens lembravão-me encantados climas, deleitosos paizes, feiticeiros sonhos! De subito adormeci e eis o que vi nas nevoas do meo sonho:

Estava a noite bella, e continuava sempre a soprar uma ligeira brisa do sul; a voz sonora dos bateleiros despertava os echos das montanhas, e as errantes canoinhas sulcavão o mar azul prateado pela lua.

Erma era a terra, e solitario o campo, quando de improviso desenhou-se ao longe a forma encantadora de um vulto magico!

Era um anjo! triste como uma visão do céo, bello como um sorriso do Eterno, debil como um sopro do estio.

Seos vestidos alvos como a neve, illuminavão-se de um reflexo de tristeza, seos olhos bellos como a noite, fictavão-se no céo, seus cabellos negros como as trevas cahião-lhe nos hombros, e sua face pallida como o lyrio tinha uma expressão de sympathica saudade, que arrebatava.

Vagava errante pelos campos, desfolhando rosas que apanhava nos vergeis cheirosos, e suas faces humedecidas pelo pranto mais bellas ainda se ostentavão despidas assim das galas da alegria.

« —Senhor, (suspirava elle no silencio das florestas) onde existem os companheiros da minh' alma!

Vago solitario por este orbe ingrato, sendo calcado pelos phantasmas que menos ligeiros do que eu, e zelosos da minha velocidade, prendem-me os pulsos com grilhões pezados!

Soffro! minh'alma verga-se ao pezo do infortunio e se dobra soluçando, fallando-me ao coração do mundo que deixei!

Anjo da harmonia, companheiro amado dos meos sonhos delirantes, onde existes que não me ouves gemer?—»

E o anjo soluçava orvalhando de pranto a macia relva!

De subito, á voz lastimosa do cherubim formoso, um raio divino innundou o espaço, e um anjo baixou á terra.

Era bello esse anjo, tão bello como a luz que fulge no seio do oriente!

Hymno tangido suavemente por um genio sobrenatural, elevou-se magestosamente do centro das florestas, saudando a apparição soberba daquella visão fulgente, vestida de lume, e cercada de nuvens.

O errante genio que vagava na terra, estremeceo, e deixando cahir o diaphano manto recamado de perolas, e franjado de ouro, mostrou a fronte morbida coroada de flores!

Um beijo roçou á face do anjo pallido e no silencio magestoso da espessura, ouvio-se o archanjo celeste que dizia assim: Porque choras?

Sua voz era doce como o devanear das folhas em noites de luar.

—Porque vagas pensativo por estes sitios merencorios? Do astro em que habito ouvi os teus suspiros; meus irmãos dormião, escapei-me do meu leito scintillante, e desci até aqui para acarinhar-te em meus braços. Dize, o que desejas? Harmonias? dar-t'as-hei. Sabes que eu sou o anjo dos concertos voluptuosos; o anjo que presido ás melodias aéreas das noites vaporosas, quando as ondas estremecem nas areias pratea-

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

das. Todos os meus irmãos vivem debaixo do meu dominio, porém tu, anjo formoso, arrojado á terra pelo delirio de uma paixão, tu és o mais querido da minh'alma. Dá-me as flôres que guardas em teu seio, e eu dar-te-hei todas as harmonias que Deus me concedeu.

Assim fallou o anjo, e sua voz era doce como o devanear das folhas em noite de luar.

As brisas adormecidas nas flores erguerão-se jubilosas, as palmeiras dobrárão os leques, e em toda a amplidão derramou-se a mais completa harmonia.

Só o anjo melancholico suspirou tristemente, e erguendo a voz melodiosa disse suavemente:

— Anjo luminoso, dar-te-hei todas as rosas da minh'alma, porém com uma condicção; e é ella de me levares para o centro desse astro em que habitas.

Os sonhos que me inspiras são deliciosos demais para serem dispersos por este orbe soturno, que se desenrola a meus pés, povoado por phantasmas que com o riso cynico nos labios, olhão com indifferença para as pallidas azas que me brotão dos hombros, e que me elevão á morada de meus irmãos nas delicias de um sonho embriagador.

Estou cançado de vibrar hymnos no deserto; tenho saudades dos sussurrantes palmares que deixei nesse mundo enlevador, que abandonei ao florescer da primavera. »

E o cherubim chorava, e seu seio arquejante soltava soluços e suspiros!

O anjo do Senhor olhou-o tristemente, e cruzando os braços sobre o peito, retorquio-lhe com doçura:

—Eu pertenço ao céo e á terra; vivo nos astros e nas nuvens, adormeço nas ondas do mar, e desperto nos seios da aurora. Minha vida é errante como os flocos de neve que brincão no horisonte.

Deus deo-me poder sobre tudo, menos sobre ti; inspiro-te, passo algumas horas deliciosas em teo regaço, mas não ouso ser o arbitro da tua sorte.

Deus collocou-te na terra, fica sobre ella; a natureza é tua, adorna-a de gallas; tens um berço nos mares, e outro nas florestas; o berço das florestas é tecido de musgo, nelle poderás reclinar o corpo debil; o cortinado que o adereça é um festão de flores, de cada rosa que rebenta brota um sonho de amor, de cada folha que se desprende um pensamento feliz.

Emquanto o mundo extasia-se com os suaves threnos de tu'alma, enfeita as nuvens do espaço, com as cores que te dér na phantasia, disputando com teos doces accentos a voz das auras que se beijão na coma dos tamarindos.

Canta, e deixa passar este turbilhão de sombras, terriveis destruidoras do bello e do sublime!

Ao som de teos hymnos accordará o Universo vagamente adormecido, e entre esses phantasmas que te cercão, sorrir-te-hão muitos labios ardentes que com o enthusiasmo na fronte e a crença no coração te dirão baixinho:—Canta, pallido anjo! teus cantos são bellos como os cantos da avesinha! imita a avesinha no vôo, vôa como ella, e vae além das nuvens devassar os arcanos de Deos! Fica na terra; a natureza é tua, adorna-a de galas: tens um berço nos mares, e outro nas florestas! »

Um outro beijo quebrou o silencio das montanhas, raiou no horisonte uma cinta purpurina, e o anjo fulgurante sumio-se na mantilha azul de uma nuvem vaporosa.

O errante genio ergueu as mãos com resignação e cahio ajoelhado na frieza das florestas!

ERA O ANJO DA POESIA!

Julia Maria da Costa.

A nossa irmã.

Como é aprasivel contemplar-se aquella que partilhou do mesmo amor, aquella que bebeu as mesmas lições de moral:

A nossa irmã!

Doce nome merece somente uma companheira de infancia, esse anjo consolador que baixou á terra para dissipar as magoas de nossos corações, para nos ajudar a passar os dias felizes, e para supplicar ao Eterno pela salvação d'aquella que tão bondosamente soube merecer sua affeição.

Oh! meu Deus! como será deleitavel compenetrar-se o coração desse anjo, adivinhar seus pensamentos, conhecer suas affeições, e amal-o como irmã!...

Oh! mas nem todos os corações são iguaes uns pensão na perversidade, mas ella, a nossa irmã, se a abandonamos, se a deixamos entregue á dôr que dilacera os corações, não partilharemos de uma dor tão pungente?!

Oh! sim, partilharemos por certo.

Se a perversidade se apoderasse de nós como não sentiria esse anjo?!

Sentiria tanto que as fibras de seu coração despedaçadas, voarião ao seio do Eterno para supplicar pela nossa restauração.

Oh! estes pensamentos me dilacerão o peito! O que fazemos? não temos por ventura irmãs?!

Sim, temos, porem é cedo ainda, vamos á esse anjo de bondade e elle nos perdoará por certo. Porem, emquanto não cumprimos a

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

nossa missão na terra, volvamos sempre a mente para os seus soffrimentos passados, e não percamos um só instante sem contemplar aquella que bebeu as mesmas lições de moral:

A nossa irmã!

M. Pereira de Souza.

SENTENÇAS.

— Que ha de mais bello?
— O universo, porque é obra de Deus.
— De mais vasto?
— O espaço, porque contem tudo.
— De mais forte?
— A necessidade, porque é o triumpho de tudo.
— De mais difficil?
— Conhecer-se a si mesmo.
— De mais facil?
— Dar conselhos.
— O que é necessario para ser-se feliz?
— Um corpo sadio, fortuna abastada e espirito illustrado.

POESIAS.

As lagrimas se-estancam muitas vezes,
Calados os suspiros ficam n'alma;
Longe vai o anhelar entre revezes,
Mas resta inda a lembrança e a dor sem calma:

Mais longe vão as horas da alegria
Em que o ingenuo amor sorrisos dava,
Do pudor refolhado que mentia—
E inda resta a amargura em alma escrava!

Longe um voto de amor que murmurando
Roçára os labios a tremer de inteio,
Longe vai elle, e em peito miserando
A angustia fica, o desespero, o anxeio...

Oh! sim — as minhas lagrymas seccaram,
Não vem-me aos olhos o soffrer interno,
Mas a lembrança, a angustia inda ficaram....
Que mocidade! que viver! que inferno!...

Abril, 12. *Eduardo Nunes.*

Presente e passado.

A' MEU AMIGO MANOEL PEREIRA DE SOUZA.

Queres meos cantos, dolorosos threnos,
Pungentes magoas de pezar e dó?
Ah! não avives da quebrada lyra
Seus sons sem vida...

Deixa o poeta mergulhado em pranto
Viver no mundo de illusões, de sonhos...
Que importa o vulgo lhe chamar de louco
Si soffre e pena!

Trago no peito reprimidas dôres...
Fundos suspiros na minh'alma triste...
E' minha vida padecer continuo
E sem estado!

Foi meu passado cheio d'almas flores...
Nadei nos mares de prazer repletos!
E hoje... o pranto desbotou-me as faces
Hontem rosadas!

Amei uma mulher bonita e bella!
Lindas tranças ornavão-lhe o composto!
Tão criança afogou-se nesses mares
Da vil lisonja!

Tornou-se uma *coquette*—eu a lastimo!
Seus olhos fallão a linguagem viva
Do namoro, meu Deus, e vivo... e vivo
De dor tranzido!

E hoje choro no presente magoas...
Soffro e gemo a saudade do passado
Relatando os suspiros prazenteiros
De santo amor!

Queres meus cantos repassados d'alma?
Ah! não, não queiras soffrimento e dores!
Não perguntes as magoas do amigo,
Deixa-o scismar...

Abril 13 de 66.

Martins Costa.

CHARADAS.

Sou no francez um quadrupede
Bem conhecido e mansinho, 2
Quando o vejo padecendo
Tenho pena, coitadinho! 1

Esta agora só no Tamisa
Poderá o leitor achar,
Para então com mais presteza
Esta charada decifrar. 1

CONCEITO.

O todo, leitores, promove o riso
Seja qual fôr o vosso siso.

A. Costa.

Sem mim, oh! homem! tu morreras logo
E baixáras dos mortos á mansão,
Sem mim morrêra a féra carnicêra
Sem mim morrêra o rugidor leão 1

Porem se assim tu fosses, linda virgem,
Não me darias teu constante amor 1
Aquelle qu'isto faz tenha por certo
Ter lugar junto ao throno do Senhor 1

CONCEITO.

Eu sou uma mulher aventureira,
Orgulhosa, altaneira e denodada!...
Eu sou uma mulher... despreso os homens
Porque impavida eu ando sempre armada.

Gustavo Henrique.

A decifração da charada do numero antecedente é — Contaminada.

TYPOGRAPHIA DO MERCANTIL.

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA